



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES

CURSO DE PEDAGOGIA

**A BELEZA DAS NUVENS ESTÁ EM SUAS DIFERENÇAS:
UMA PERSPECTIVA SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR E AS
DIFERENÇAS**

Daniele Cristina Steffens

Lajeado, junho de 2017

Daniele Cristina Steffens

**A BELEZA DAS NUENS ESTÁ EM SUAS DIFERENÇAS:
UMA PERSPECTIVA SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR E AS
DIFERENÇAS**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Curso II, do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profª Me. Tania Micheline Miorando

Lajeado, Junho de 2017

Daniele Cristina Steffens

**A BELEZA DAS NUENS ESTÁ EM SUAS DIFERENÇAS:
UMA PERSPECTIVA SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR E AS
DIFERENÇAS**

A banca examinadora abaixo aprova a Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Curso II, do curso de Pedagogia, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do grau de Pedagoga:

Me. Tânia Micheline Miorando – orientadora
Centro Universitário UNIVATES

Dra. Morgana Domênica Hattge
Centro Universitário UNIVATES

Lajeado, 27 de junho de 2017

Dedico este trabalho à minha mãe Edi Apolonia Becker Steffens pelo amor, dedicação, apoio e incentivo recebidos durante a minha caminhada acadêmica. E, em especial ao meu pai Ilvo Steffens que, mesmo não estando mais aqui comigo, sempre me inspirou e me motivou a seguir meu sonho de ser professora. Ele sempre me ensinou que apesar da dificuldade, se lutarmos pelo que queremos, vamos alcançar nossos sonhos, que os desafios podem ser vencidos e, principalmente, que devemos respeitar as diferenças e não discriminá-las. Serei eternamente grata por todos os ensinamentos.

AGRADECIMENTO

Agradecer consiste em mostrar ou manifestar gratidão.

Ao final desta pesquisa o que mais desejo é expressar minha gratidão a todas as pessoas que de alguma forma me auxiliaram a chegar até aqui. Por me darem forças para seguir em frente. E, em especial a todos que me ajudaram na concretização desta pesquisa, que para mim é muito importante.

Primeiramente gostaria de agradecer à minha família. Ao meu pai, por todos ensinamentos que me deixou em vida e, principalmente, por sempre me mostrar que quando queremos muito alguma coisa precisamos lutar para conquistá-la. À minha mãe, por sempre estar presente, por compreender minhas ausências, me apoiar nas horas difíceis e me motivar a concretizar meus sonhos. Ao meu irmão, por acreditar em mim e pelo apoio incondicional em todos os momentos.

Ao meu companheiro Jeverson que sempre está a meu lado me apoiando e incentivando com muito carinho.

À minha orientadora Me.Tânia M. Miorando por acreditar em mim e em minha proposta, pela paciência, apoio e todos os conhecimentos compartilhados.

À minha avaliadora Dra. Morgana D. Hattge por aceitar participar deste momento tão importante da minha caminhada acadêmica.

A todas as professoras que participaram da minha formação docente serei eternamente grata pelos ensinamentos.

Aos colegas, pelas alegrias e angústias compartilhadas durante toda a trajetória acadêmica.

Aos meus amigos pelo apoio, compreensão, pela torcida e palavras de incentivo.

À instituição de ensino que me acolheu com muito carinho e atenção, permitindo que eu participasse das reuniões pedagógicas para a realização desta pesquisa.

Às professoras e monitoras que aceitaram participar desta pesquisa, compartilhando seus conhecimentos e práticas docentes.

E, em especial a Deus por ter me iluminado nesta caminhada, guiado meus passos e permitido que concluísse esta etapa com sucesso.

A todas as pessoas que não citei, mas que, direta ou indiretamente, participaram desta caminhada.

A todos, o meu mais sincero: muito obrigada!

Um conjunto de cores... Uma grande árvore no outono... concentra a sua beleza na variedade de seu colorido. Observamos, perplexos, por uns instantes essa maravilha, buscando entender suas nuances. Um amarelo forte, um verde escuro, um alaranjado muito claro podem compor uma intensa harmonia. Talvez sua beleza esteja concentrada não em excluir, mas em incluir e, então, completar-se na diversidade. A desigualdade, a diferença pode despertar criticidade ou ousadia; contudo, retrata a grandiosidade do todo.
(SILVA; FACION, 2012, p.186)

RESUMO

Da mesma forma que ao olhar as nuvens em suas diferenças percebemos suas singularidades e sua beleza, provooco o olhar dos professores a perceberem cada um de seus estudantes em aula, como únicos. Inquietações me saltam em questionamentos: Como professores de escolas públicas percebem a inclusão escolar e as diferenças que compõem suas turmas escolares? Trago essa indagação como meu problema de pesquisa. Assim, o objetivo geral deste trabalho corresponde em analisar a visão de professores de escolas públicas sobre a inclusão escolar e as diferenças que integram suas turmas escolares. Como objetivos específicos, busco compreender a prática de inclusão escolar na educação infantil; problematizar as ações docentes quanto à inclusão na educação infantil e a diferença; e, problematizar os conceitos de alteridade e diferença. Optar pela discussão da diferença e inclusão escolar foi a forma que encontrei de buscar refletir sobre muitas questões que permeiam meus pensamentos. A partir de inquietações iniciei o processo investigativo que sustenta teoricamente este trabalho. Desta forma, com o auxílio de Hermann (2014), Lopes; Fabris (2013), Hattge (2014a; 2014b); Hattge; Klein (2010) e Melo; Lira; Facion (2009), iniciei o estudo bibliográfico que me deu subsídios para começar a pensar sobre a linha de estudo pela qual sigo e problematizo a inclusão escolar e as diferenças. Este estudo corresponde a uma pesquisa qualitativa. Como processo metodológico faço uso da pesquisa-ação, a qual não acontece sem a participação coletiva. Como instrumento de pesquisa fiz uso do diário de itinerância. No desenrolar desta pesquisa problematizei com um grupo de professoras e monitoras a inclusão escolar e as diferenças. A partir das discussões surgidas elenquei os temas que, na visão do grupo, eram de maior relevância para tornarem-se os capítulos desta pesquisa. Ao final, posso concluir que da mesma forma que somos diferentes possuímos formas diferentes de nos expressar sobre um mesmo tema. As professoras e monitoras participantes da pesquisa percebem as diferenças no dia a dia escolar e compreendem a inclusão escolar como uma prática possível, desde que se tenha suporte profissional e material para atender as crianças. É importante que a escola possibilite a discussão das diferenças, que oportunize formações sobre este tema, mas não é responsabilidade da escola fazer a formação plena de seus professores: um curso por si só não é garantia para a educação das crianças, é preciso um movimento dos docentes para isto. Assim, ao encerrar esta pesquisa fico a pensar que é preciso um olhar atento para as crianças, para conhecer suas potencialidades e trabalhar a partir delas.

Palavras- chave: Inclusão escolar. Diferenças. Professoras e monitoras.

SUMÁRIO

1 PRIMEIRAS NUVENS: IMAGENS DE UM ESTUDO SOBRE AS DIFERENÇAS E INCLUSÃO ESCOLAR	9
2 DESVENDANDO O CÉU: UMA DISCUSSÃO SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR E AS DIFERENÇAS	16
3 DESCOBRINDO O CÉU: UMA REFLEXÃO SOBRE O OUTRO	24
4 NUVENS INTERMITENTES: A NECESSIDADE DO ATENDIMENTO ESPECIALIZADO	30
5 CÉU AZUL: DESAFIOS DA INCLUSÃO ESCOLAR.....	35
6 ÚLTIMAS NUVENS: CÉU ABERTO.....	40
REFERÊNCIAS.....	44

1 PRIMEIRAS NUVENS:

IMAGENS DE UM ESTUDO SOBRE AS DIFERENÇAS E INCLUSÃO ESCOLAR

Uma criança quando deita na grama e põem-se a olhar o céu fica maravilhada com as diferenças que compõem as nuvens. Uma nuvem pode ser um cavalo, outra, parece com uma flor e a outra, um coração. A cada instante novas formas surgem. Os olhos brilham, um sorriso enfeita a face. Você já parou para olhar o céu hoje? Vá e olhe. Agora imagine, se todas as nuvens fossem iguais, qual seria o objetivo de olhar para o céu, se não fosse para admirar sua plenitude na diversidade das nuvens? A beleza das nuvens está em suas diferenças.

Da mesma forma que as nuvens são belas por suas singularidades, o ser humano também é. Se no mundo fôssemos todos iguais, quem sabe, não viveríamos nesse dilema do processo de in/exclusão; aceitaríamos o outro por ele ser a nossa imagem. Mas, o mundo não é assim. Somos diferentes. E, as diferenças fazem parte de nossa vida, aceitá-las não deveria corresponder a uma dificuldade.

Falar sobre a inclusão e as diferenças não é tarefa fácil, ainda mais quando se trata da educação. A inclusão escolar após a 2ª Guerra Mundial (apenas para tomarmos um evento de proporções mundiais), juntamente com o conceito da diferença, vem sendo o foco do olhar de muitos estudiosos, os quais se debruçam sobre livros e pesquisas, buscando compreender a fundo essa prática sobre a qual todos possuem uma opinião própria.

Optar por abordar estes temas partiu de dois fatores centrais, através dos quais justifico a escolha. Um deles, pessoal, o qual sempre me levou a ter um olhar atento sobre as diferenças; e o outro, como professora em formação inicial, que sente a necessidade de compreender a inclusão escolar, na complexidade de seu contexto. Entender a inclusão escolar, não sob uma perspectiva que assinala as

peessoas com necessidades especiais, mas sobre aquela que nos ensina que somos diferentes.

Assim, da mesma forma que ao olhar as nuvens em suas diferenças percebemos suas singularidades e sua beleza, provoqueei o olhar das professoras e monitoras a perceberem cada um de seus estudantes em aula, como únicos.

Refletindo sobre as práticas docentes, inquietações me saltam em questionamentos: Como professores de escolas públicas percebem a inclusão escolar e as diferenças que compõem suas turmas escolares? Trago essa indagação como meu problema de pesquisa. Assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar a visão de professores de escolas públicas sobre a inclusão escolar e as diferenças que integram suas turmas escolares. Como objetivos específicos, busquei compreender a prática de inclusão escolar na educação infantil; problematizar as ações docentes quanto à inclusão na educação infantil e a diferença; e, problematizar os conceitos de alteridade e diferença.

A inclusão escolar em seu contexto busca respeitar as diferenças que há anos eram reprimidas pela sociedade. Uma série de fatores, que se constituíram historicamente, levaram a humanidade a obter um certo desprezo às características que não se flexibilizam aos padrões estabelecidos pela sociedade. Percebemos esse desprezo ao direcionarmos nosso olhar para a história, quando na Roma Antiga as crianças que possuíam alguma diferença eram sacrificadas. Na Segunda Guerra Mundial, quando, com o Holocausto, milhões de pessoas foram mortas, dentre outros tantos exemplos que tentamos esconder nos fatos históricos. Como esses fatores se constituíram, o que poderia ter levado as pessoas a obter esse desprezo a ponto de sacrificar o outro, é uma questão que ainda pretendo estudar. Apesar dos muitos esforços de pessoas que compreendem que as diferenças são algo natural, e que todos possuem, muitos não aceitam e as desprezam; penso que, talvez, muito desse desdenhar tenha por trás respingos históricos.

Não sei dizer ao certo quando decidi pela docência, ela sempre me cativou, especialmente quando relacionada à inclusão escolar e às diferenças. Neste momento tenho a certeza que nenhum outro tema me motivaria tanto para escrever. Estes são conceitos que me cativam e motivam. Da mesma forma que uma criança descobre as belezas do céu, descobri as belezas da diferença. Como acadêmica e futura professora sinto-me na responsabilidade de estudar e compreender melhor esses conceitos. A diferença está em nossas salas de aula. E, para me aprofundar

neste estudo, contei com o auxílio de minha orientadora que me guiou no estudo dos conceitos de alteridade, diferença, norma e ética. Conceitos que precisam permear a educação.

A educação é um direito de todos. As escolas e os professores precisam do apoio do governo e da sociedade para poder adaptar suas práticas pedagógicas a fim de envolver todos os seus alunos e buscar desenvolver suas potencialidades. Sem esse apoio e com as muitas tarefas do dia a dia escolar, as muitas turmas para serem atendidas, o professor acaba por se sentir desanimado. Há um grupo de professores que, apesar da escassez de materiais e da falta de apoio, esforça-se, e busca a cada dia melhorar suas práticas docentes. Ainda assim, com toda essa demanda imposta, as muitas tarefas não estariam inibindo o professor de direcionar um olhar mais atento para as diferenças que compõem suas turmas?

Em meio a esta discussão, outras questões vem à mente quando se trata do tema da inclusão: será que a falta de tempo está ampliando a resistência dos professores sobre as questões relacionadas à inclusão escolar? Estariam os professores querendo “padronizar” seus alunos, a fim de facilitar suas práticas docentes? Está claro para os profissionais da educação os objetivos da inclusão escolar? O despreparo de muitos docentes pode estar dificultando a inclusão escolar?

Todas essas questões me levaram a investigar sobre este tema, pois acredito ser de suma importância compreender a visão dos professores atuantes nas escolas públicas sobre o assunto em questão. Retomo assim meu problema de pesquisa: da mesma forma que ao olhar as nuvens em suas diferenças percebemos suas singularidades e sua beleza, como os professores de escolas públicas percebem a inclusão escolar e as diferenças que compõem suas turmas escolares?

Toda pesquisa parte da escolha de um tema. Optar pela discussão da diferença e inclusão escolar foi a forma que encontrei de refletir sobre muitas questões que permeiam meus pensamentos. A partir de inquietações que trago desde criança, iniciei o processo investigativo que sustenta teoricamente este trabalho.

Meus estudos sobre este tema começaram desde o meu primeiro semestre. Quando ingressei na graduação não tinha muitas noções sobre os conceitos que permeiam a educação. Naquele semestre, conheci o processo de in/exclusão e o significado das políticas públicas. Quanto mais lia sobre o assunto, mais interesse

tinha em pesquisá-lo. Assim, em meu primeiro semestre da graduação já havia escolhido o tema para o trabalho de conclusão: a inclusão e as diferenças. Entretanto, a formalização e seu aprofundamento está se dando a partir desta pesquisa.

Após a primeira orientação para o trabalho de conclusão de curso, ficou a questão: por onde começar? A busca pelos referenciais foi intensa. Dentre os livros selecionados, dois me acompanham nesta discussão. Assim, busquei artigos que outros autores já publicaram, onde encontrei mais referências que me auxiliam a ver o quanto já se tem estudado/investigado, e quanto ainda pode ser feito. Junto com minha orientadora definimos os autores que me provocam nesta discussão. Desta forma, com o auxílio de Hermann (2014), Lopes; Fabris (2013), Hattge (2014a; 2014b); Hattge; Klein (2010) e Melo; Lira; Facion (2009) iniciei o estudo bibliográfico que me deu subsídios para começar a pensar sobre a linha de estudo pela qual segui.

Em frente às prateleiras da biblioteca, buscava pela metodologia que desenvolveria em meu estudo. Foram muitos os livros visualizados. Junto da busca pela metodologia visava encontrar uma abordagem que poderia caracterizar a minha pesquisa. Mas, foi em casa, em meio a muitas pesquisas, que encontrei o autor que expressava o que eu desejava neste estudo. Desta forma, para o presente trabalho utilizo-me da pesquisa qualitativa, que em sua abordagem, segundo Gibbs (2009, p.20),

tenta explicitamente gerar novas teorias e novas explicações. Nesse sentido, a lógica subjacente a ela é indutiva: em vez de começar com algumas teorias e conceitos que devem ser testados e examinados, esta pesquisa privilegia uma abordagem na qual eles são desenvolvidos junto com a coleta de dados, para produzir e justificar novas generalizações e, assim, criar novos conhecimentos e visões.

A prática docente, para algumas pessoas, pode ser algo simples. Como profissional da educação, sei que não é. A cada dia surgem novos desafios, novas situações com as quais, algumas vezes, não sabemos lidar. Discutir o assunto, buscar teorias e explicações é uma forma de criar novas visões e problematizar generalizações que existem sobre a educação.

Levando estes aspectos em consideração, para alcançar o objetivo geral deste estudo, o qual consiste em analisar a visão dos professores de escolas

públicas sobre a inclusão escolar e as diferenças que compõem suas turmas escolares, almejei por uma pesquisa participativa. Ou seja, para alcançar este objetivo, problematizei o contexto escolar e as práticas docentes com um grupo de professores e monitores. Logo, eles tiveram uma participação ativa nesta discussão, pois, a partir do que relataram, aprofundi minha discussão em capítulos.

Desta forma, faço uso da pesquisa-ação, a qual, segundo Barbier (2004, p.70), não acontece sem a participação coletiva, “sem que sejamos parte integrante, ‘actantes’ na pesquisa, sem que estejamos verdadeiramente envolvidos pessoalmente pela experiência”. Assim, para discutir a inclusão e a diferença é preciso estar em contato com essas situações: estar envolvido e ter experiência. Pensando nisso, o grupo de professores e monitores convidados para envolverem-se nesta discussão, são profissionais que estão diariamente em sala de aula. E que me ajudaram a problematizar o tema em questão dentro do espaço escolar.

Compreendo que a pesquisa-ação fortaleceu as discussões deste trabalho, pois presenciando o cotidiano de muitas professoras, percebi que uma situação prática, com discussões surgidas no grupo deixam transparecer um pouco do cotidiano escolar, auxiliando-me a alcançar os objetivos deste estudo. A pesquisa-ação existencial é “levada a favorecer bastante o imaginário criador, a afetividade, a escuta das minorias em situação problemática, a complexidade humana admitida, o tempo da maturação e o instante da descoberta” (BARBIER, 2004, p.73). Assim, ao fazer uso desta metodologia busquei escutar os docentes que atuam com a educação infantil, fortalecendo os vínculos que me auxiliaram a compreender a complexidade do tema em questão, gerando novas inquietações.

Para alcançar os objetivos deste trabalho, foram feitos encontros com o corpo docente de uma escola municipal de educação infantil. Com o grupo de professores e monitores eu trouxe para discussão a inclusão escolar e as diferenças. Cada encontro objetivava provocá-los sobre estes temas. Para instigar os profissionais fiz uso de curtas metragens, trechos de filmes, fotos do cotidiano das docentes e frases. A partir destes recursos questioneei o grupo para que pensassem sobre suas práticas docentes e trouxessem para a discussão, em grupo, suas experiências.

Como instrumento de pesquisa fiz uso do diário de itinerância. O diário de itinerância é “um instrumento de investigação sobre si mesmo em relação ao grupo em que se emprega a tríplice escuta/palavra” (BARBIER, 2004, p.133). Este

corresponde a um bloco ou caderno de apontamentos onde é registrado o que se sente, se pensa, o que se deseja registrar/escrever.

Esta metodologia de investigação acontece em três fases, as quais explicarei a partir das ideias de Barbier (2004). A primeira fase, corresponde ao diário rascunho onde o pesquisador escreve tudo o que tem vontade de anotar. Assim, após cada encontro anotei tudo o que veio à minha mente, sobre o que foi falado, de estudos que já tinha feito e ações do cotidiano que remetiam ao assunto.

A segunda fase é a do diário elaborado. Nesta, o pesquisador busca seu diário rascunho para relatar sobre o que está escrito a alguém. Na releitura, poderão surgir reflexões, que serão registradas. Ou seja, após os encontros de discussão, com os professores e monitores, fiz a retomada de tudo o que anotei em meu diário rascunho, pensando em como passar as anotações ao grupo. Reescrevi o que foi necessário, a fim de gerar novas discussões.

A terceira e última fase é do diário comentado. Nessa etapa o mesmo é oferecido aos leitores, os quais reagiram de alguma forma enquanto o pesquisador busca compreender o que ele quer dizer com suas críticas ou ressonâncias. Desta forma, no último encontro com o corpo docente levei o diário rascunho e elaborado para as professoras e monitoras que desejassem fazer a leitura e apontamentos. Para tornar a discussão desse momento mais interessante propus, também, que o grupo fizesse um mapa mental, partindo de trechos do questionário aplicado e de algumas falas anotadas. Ao final desta metodologia possuía em mãos o diário comentado, o qual trouxe para esta pesquisa, junto com as anotações das outras duas fases, para dialogar com os autores. A utilização dos comentários e escritas dos professores e monitores para este trabalho foram previamente autorizadas pelos mesmos.

Após a apresentação do meu projeto de pesquisa fui questionada se compreendia o quanto esta pesquisa passaria por mim, pelas minhas experiências, vivências, pelo que acredito e estudei; sobre o quanto estaria implicada nesta pesquisa. Talvez naquele momento não compreendia claramente o quanto esta metodologia me envolveria e mexeria comigo.

Quando iniciamos uma pesquisa, quase que automaticamente, refletimos sobre os resultados que obteremos como se esperássemos por uma resposta pronta. Por mais expectativas que obtive ao longo desta pesquisa, muitas vezes, senti-me mexida e intrigada com alguns relatos. Não sei ao certo se era exatamente o que

queriam me dizer, e, por estar tão envolvida, tudo passando por mim, pela minha forma de ver, me senti como se tudo fosse como olhar para o céu. As diferentes formas de pensar e falar sobre o assunto era como várias pessoas olhando para a mesma nuvem: algumas vendo a mesma coisa e outras, algo diferente.

A partir desta pesquisa pude analisar diferentes visões sobre a inclusão escolar e as diferenças, pude compreender que da mesma forma que somos diferentes, possuímos, muitas vezes, opiniões diferentes. Não digo isso pelo grupo pensar todo diferente, mas pela forma como foi colocada cada percepção.

Os resultados desta pesquisa provêm tanto das falas e escritas do corpo docente quanto das minhas interpretações sobre as discussões. No desenrolar dos capítulos trago as falas e anotações de acordo com meu diário, ou seja, cada citação será referenciada de acordo com a data em que a escrevi. As citações retiradas dos questionários, respondidos no primeiro encontro, ficaram conforme os próprios participantes/professores responderam. Algumas escritas, tanto do diário quanto dos questionários, eu as trouxe para a discussão como paráfrase, pois senti a necessidade de conversar com essas ideias. Os nomes que utilizei para identificar as professoras e monitoras, quando trago trechos dos questionários, são fictícios.

O primeiro encontro com o corpo docente deixou-me muito ansiosa. Primeiramente por eu não saber como o grupo reagiria à minha proposta e por conseguinte, a expectativa sobre as discussões que surgiriam. “Nenhuma professora se negou a responder as questões, mas percebi que muitas não se sentiram à vontade neste momento” (Diário Rascunho, 07/11/2016). O desconforto estava presente enquanto respondiam ao questionário. Inquietude, dúvidas, receio, foi o que me marcou no primeiro dia da prática metodológica. Ao final das discussões o grupo relatou o incômodo, pois foi como se tivessem “caído de paraquedas”, segundo elas. Este tema mexe com o confortável, causa um desconforto e é um assunto que exige busca (Diário Comentado, 20/04/2017).

Espero que as problematizações apresentadas ao longo da pesquisa motivem novas inquietações, problematizações e questionamentos, para que se continue a busca por novas indagações sobre o contexto escolar e novas perspectivas surjam.

2 DESVENDANDO O CÉU: UMA DISCUSSÃO SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR E AS DIFERENÇAS

A inclusão escolar e as diferenças são foco deste estudo. Assim, neste capítulo procuro discutir um pouco sobre estes conceitos através de uma visão teórica bem como a visão das professoras e monitoras participantes da pesquisa. Desta forma, busco traçar um diálogo entre os autores e o grupo de professoras e monitoras que participaram dos encontros, expondo sua opinião sobre a inclusão e as diferenças.

A inclusão social tornou-se pauta de muitas discussões políticas. Assim, tornou-se necessário pensá-la nos espaços sociais. Desta forma, tendo em pauta a inclusão escolar, muitos debates e estudos foram surgindo, bem como muitas definições. Karagiannis, Stainback e Stainback (1999, p. 21) definem a inclusão escolar como “a prática de inclusão de todos - independente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou origem cultural - em escolas e salas de aula[...]”. Ao encontro destes autores, a Professora Maria traz em seu questionário, que a inclusão escolar “é acolher a todas pessoas sem exceção na escola, independente de cor, classe social e condições físicas e psicológicas” (Questionário 11, 07/11/2016). O ser humano precisa compreender que a inclusão se refere a todas as pessoas e não apenas de pessoas com deficiências, como é percebido em muitos relatos.

A educação é um direito de todos os cidadãos. A escola abriu suas portas para todas as crianças, adolescentes e adultos. Assim, o atendimento educacional deve abranger a todos. Com a promulgação da Lei nº 9.394 (BRASIL, 1996), que diz que todos os educandos devem ser atendidos preferencialmente na rede pública de ensino, a inclusão escolar ganhou força e gerou muitas discussões. “Independente

de ser em rede pública ou privada de ensino, todos os educandos devem ter os mesmos direitos na educação, independente de cor, raça ou classe social (Diário Rascunho, 17/04/2017).

Compreender o impacto que a inclusão escolar traz pode ser muito complexo, pois para alguns, este pode ser negativo, para outros, positivo. As diferenças estão presentes em todos os lugares. Conforme trago em um dos encontros da pesquisa (10/04/2017), as professoras e monitoras compreendem que as diferenças existem, sejam elas de várias culturas ou de cada indivíduo. Reconhecer que as diferenças sempre existirão é um passo para sua aceitação.

Para compreender melhor a inclusão escolar, trago Mendes (2006, p. 395) que relata esta constituir-se como uma proposta para o campo da educação de um movimento mundial. Este movimento foi denominado como “inclusão social” onde pessoas excluídas, juntamente com a sociedade, buscam “efetivar a equiparação de oportunidades para todos, construindo uma sociedade democrática na qual todos conquistariam sua cidadania, na qual a diversidade seria respeitada e haveria aceitação e reconhecimento político da diferença”.

A aceitação e o reconhecimento é o que muitas pessoas precisam. Acredito que para que isso aconteça precisamos rever algumas concepções interiorizadas. O olhar da indiferença e piedade, cito como exemplo, pois muitas vezes não nos damos conta de como estamos olhando para as pessoas. Ao agir, quase que por instinto, podemos afetar o emocional de uma pessoa. Essas ações, como o olhar de indiferença, podem ser evitadas se pensarmos e problematizarmos nossas ações.

A exclusão de pessoas em nossa sociedade constitui-se a partir de paradigmas que buscam definir como poderíamos ser. Mantoan (2003, p. 14) nos fala sobre este ponto quando relata que em uma concepção moderna, os paradigmas são “um conjunto de regras, normas, crenças, valores, princípios que são partilhados por um grupo em dado momento histórico e que norteiam o nosso comportamento”. Por décadas a sociedade viveu sob um paradigma que excluía quem não estava apto a viver com os demais em sociedade.

Mesmo que muitas vezes seja negado, percebemos, na atualidade, a imposição de muitas pessoas frente à inclusão. Essas pessoas acreditam que a inclusão poderia afetar a sociedade de forma negativa, sem considerar os pontos positivos dessa prática. Lopes e Fabris (2013, p. 21) relatam que de uma “forma crescente a inclusão tem sido potencializada visando, entre outras conquistas,

minimizar os prejuízos e as inúmeras exclusões geradas pelas práticas que exploraram e discriminaram segmentos da população ao longo da história”, e que hoje buscam reparar seus danos com políticas de inclusão e leis que amparam as pessoas.

Segundo o grupo de professoras e monitoras, é possível notar que em muitos momentos a exclusão se faz presente em nosso meio, de diversas formas. A inclusão vem rompendo barreiras e provando que a inserção de pessoas com deficiência na sociedade, no mercado de trabalho, entre outros espaços, só contribui, pois todos aprendem, crescem e interagem (Diário Rascunho, 17/04/2017). Precisamos lembrar que não foram apenas as pessoas com deficiências que se inseriram na sociedade, mas todas, de alguma forma.

No contexto escolar muitos são os olhares que se voltam para as turmas que possuem crianças com deficiência e muitas vezes se esquecem das diferenças que compõem as demais turmas. Certamente, alguns alunos necessitam de um olhar mais atento tomando, muitas vezes, a atenção dos professores para eles. Esse é um dos motivos da não aprovação de alguns pais perante a prática de inclusão, que o professor dê mais atenção a esses alunos com necessidades especiais, deixando seu filho de lado. Muitas vezes, sem se dar conta de que seus filhos também precisam, em alguns momentos, de um olhar atento, rejeitam a inclusão escolar.

O diferente, muitas vezes, apavora e faz com que fiquemos sem saber como agir, o que fazer (Diário Rascunho, 28/11/2016). O que realmente nos apavora: as diferenças ou as deficiências? Segundo a professora Aline, tudo assusta. Muitos dos pré-conceitos das pessoas as levam a acreditar que um aluno com deficiência pode tornar o trabalho do professor mais difícil. Entretanto, muitas vezes, não se dá a chance de enfrentar um desafio como este, ter uma turma com as mais variadas diferenças, para colocar à prova esses pré-conceitos.

Um dos maiores medos do professor ao assumir uma turma de inclusão que possui algum aluno com deficiência é a falta de preparo, a falta de uma formação, de um especialista para ajudar (Diário Elaborado, 18/04/2017). A educação é um desafio constante e é importante termos uma formação que nos dê subsídios para pensar nossas práticas, bem como o contato com especialistas para auxiliar no dia a dia escolar. Precisamos ter consciência que essas faltas podem ser supridas e para que a inclusão aconteça é necessário empenho por parte do docente. Muitas vezes acaba sendo mais fácil colocar a culpa na falta de um profissional especializado do

que buscar a própria especialização ou um curso que dê pistas de como poder trabalhar. Klein (2010, p.24) nos alerta que “é preciso cautela e não assumir como nossos os entendimentos que acreditam numa inclusão permanente, que só seria efetivada se os professores tivessem preparação para isso”. A inclusão é um processo constante que exige preparação, mas esta não vai garantir a efetivação de uma escola inclusiva.

Segundo Mantoan (2003, p.21) há, um “movimento de pais de alunos sem deficiência que não admitem a inclusão, por acharem que as escolas vão baixar e/ou piorar ainda mais a qualidade de ensino se tiverem de receber esses novos alunos”. Alguns pais não se dão conta de que essa prática é relevante para seu filho e não buscam saber mais sobre ela, apenas a rejeitam. É preciso que a escola mostre a esses pais, através das ações do dia a dia e em reuniões, a importância do contato entre as crianças. Pois, como nos traz Rosa (2010, p. 57), “é fundamental que se estruturam encontros sistematizados entre a equipe pedagógica e os professores para o estudo e a discussão” para receber as diferenças.

A escola como formadora “não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos” (MANTOAN, 2003, p.17). Ou seja, os professores juntamente com a equipe diretiva e de funcionários, a escola em geral, precisa compreender as diferenças para instruir seus alunos a conhecê-las. Assim, quando desde muito nova é instruída a reconhecer as diferenças, a conviver com os demais, levará consigo esse aprendizado e quando adolescente ou adulto tratará as diferenças com respeito. O professor é peça-chave no processo de aceitação das diferenças. É preciso estarmos conscientes de que essa instrução precisa ser contínua e reforçada a cada dia dentro da escola.

O contexto escolar, como já sabemos, é o espaço mais propício para o desenvolvimento intelectual, social e cognitivo das crianças. Com isso, Mantoan (2003, p.70), relata que

Para ensinar a turma toda, parte-se do fato de que os alunos sempre sabem alguma coisa, de que todo educando pode aprender, mas no tempo e jeito que lhe é próprio. Além do mais, é fundamental que o professor nutra uma elevada expectativa em relação à capacidade de progredir dos alunos e que não desista nunca de buscar meios para ajudá-los a vencer os obstáculos escolares.

Na escola, as crianças aprendem a ler e a escrever, desenvolvem suas capacidades cognitivas, conhecem e brincam com outras crianças. O professor é fundamental nesse processo, tornando-se uma figura relevante no contexto escolar. Quando adentra uma sala de aula, o docente precisa ter em mente que a turma com que vai atuar é composta por crianças diferentes, que possuem conhecimentos diferentes e formas de aprender diferentes. Atuar com todas essas diferenças envolvendo todos os alunos não corresponde a uma tarefa fácil.

É preciso que os profissionais que atuam com as crianças tenham um olhar e uma escuta atenta para perceber todas essas diferenças. Pois assim conseguirão buscar as melhores formas de incentivar seus alunos a vencer os obstáculos diários do processo de aprendizagem, bem como suas dificuldades pessoais. “Os alunos aprendem nos seus limites e se o ensino for, de fato, de boa qualidade, o professor levará em conta seus limites e explorará convenientemente as possibilidades de cada um” (MANTOAN, 2003, p.67), tornando o ensino possível para todas as pessoas, independentemente de suas diferenças.

A inclusão escolar resulta na mudança da perspectiva da educação “pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educacional” (MANTOAN, 2003, p.24). Desta forma, uma crise de paradigma poderia ajudar muitas pessoas a compreenderem a amplitude da diferença e aceitar a inclusão escolar. Uma crise de paradigma, segundo Mantoan (2003, p.14), corresponde a “uma crise de concepção, de visão de mundo e quando as mudanças são mais radicais”. Ou seja, uma mudança radical na forma como muitas pessoas percebem as diferenças e as particularidades do outro.

As diferenças geram desconforto para algumas pessoas, que não sabem lidar com elas. Nesse impasse, em alguns momentos aceitam as diferenças e em outros a rejeitam. Levando em consideração o que trago até o momento, “resta, entretanto, perguntar se a tarefa imposta à sociedade - de abrir-se para a diversidade - e à escola - de superar seu furor normalizador e acolhedor às diferenças sem discriminá-las - é possível” (PAN, 2009, p. 91). No dia a dia percebemos que as pessoas procuram ter contato com outras culturas para conhecê-las. Mas, nem sempre este contato gera aceitação. É preciso ensinar as crianças a respeitar todas as culturas e aceitar as diferenças. Mesmo muito pequenas, as crianças

demonstram sentimentos entre elas. Quanto antes aprenderem a interagir com todos, mais cedo aprenderão a aceitar e respeitar o outro.

A inclusão escolar, tanto quanto as diferenças, não deve ser tratada como algo irrelevante. Pois, “abrir as portas para a inclusão não significa simplesmente colocar alunos nas salas de aula do ensino regular” (PAN, 2009, p. 91). A prática de inclusão escolar vai muito além dessa situação, presenciada em algumas escolas, onde as crianças são colocadas dentro da sala de aula e lá não recebem a atenção necessária. Desta forma, colocando a criança dentro do contexto escolar sem o atendimento que ela necessita a escola proporcionará uma inclusão excludente, que pode prejudicar o desenvolvimento da criança.

A inclusão em muitos casos é vista, segundo Lopes et al. (2010, p. 22), de forma binária, ou seja, os incluídos são aqueles que estão dentro da escola e os excluídos os que estão fora desse espaço. A criança quando é colocada para dentro do contexto escolar, onde não serão oportunizadas situações de aprendizagem que se adequem a suas potencialidades, apenas estarão naquele espaço para somar mais um aluno na escola, experimentarão a inclusão excludente.

Lopes e Fabris (2013) nos alertam que todos vivemos em processos de in/exclusão e que constantemente somos ameaçados por essa condição. Pois, agora posso estar em um grupo e conversando tranquilamente sobre um assunto, e de um momento para outro troca-se o tema da conversa e não possuo conhecimento sobre o que está sendo dialogado. Assim, em questão de minutos podemos passar de incluídos para excluídos de uma situação. Essa constante muitas vezes nos deixa vulneráveis e, com medo de tornarmos-nos excluídos, não prestamos atenção no outro, buscando apenas nosso sucesso.

Hattge e Klaus (2014, p.329) relatam que “é importante considerarmos o fato de que não existe a ‘escola inclusiva’, o que existe são processos de in/exclusão permanentes vivenciados por todos os sujeitos envolvidos no processo educativo”. Na escola, as crianças estão constantemente em processo de in/exclusão, por exemplo enquanto brincam. Em alguns momentos estão no grupo brincando e em outros, sendo deixadas de fora da brincadeira pelos colegas com os quais até então estavam brincando.

Os alunos dentro do espaço escolar, como mencionado acima, encontram-se permanentemente nos processos de in/exclusão. Levando isto em consideração, os

professores devem atentar para seus alunos, buscando compreender como este processo está acontecendo. O professor a partir dos processos de in/exclusão pode

criar e organizar estratégias que percebam as questões individuais e de grupo, que permeiam o processo de aprendizagem, e utilizá-las a seu favor, seja como pistas para estudo e pesquisa, seja como produção de práticas pedagógicas que tensionem permanentemente os processos de ensino e aprendizagem implementados em sala de aula (HATTGE; KLAUS, 2014, p. 330).

As crianças nos mostram muito enquanto brincam e aprendem. É preciso que o professor tenha um olhar atento para estes momentos. Pois, a partir do que o professor percebe, observando os alunos, ele pode voltar seu olhar também para suas práticas e pensar sobre elas. Como apontado em um dos encontros, “cada aluno é um ser único, diferente dos demais, pois cada um tem seu jeito próprio de ser e de agir, sua maneira de aprender” (Diário Rascunho, 21/01/2017). Os processos de in/exclusão fazem parte da sociedade, e não há como evitá-los.

Antes de continuar a discussão citarei Bueno (1999, p. 11) para introduzir alguns pontos que considero cruciais.

[...] se, por um lado, a Declaração [de Salamanca] afirma o propósito da educação inclusiva, por outro, aponta para o aprimoramento dos sistemas de ensino, sem o qual o princípio primeiro, de que ‘[...] toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem’ não se efetivará.

Ao reafirmar o direito à educação para todos, a Declaração de Salamanca (BRASIL, 1994) nos lembra que para a educação acontecer com sucesso torna-se necessário o aprimoramento dos sistemas de ensino. Ou seja, a escola precisa estar apta para receber seus alunos, tanto estruturalmente quanto profissionalmente. Para que isto se concretize é preciso que nosso olhar esteja voltado para a escola e seus profissionais, buscando auxiliá-los no processo de educação. Melo, Lira e Facion (2009, p.65) nos alertam que “a implementação de um ensino que possibilite educar de forma inclusiva as diversidades impõe a construção de um projeto que não se dará ao acaso nem de uma hora para outra e que não é uma tarefa individual”.

Em várias cidades, as escolas, muitas vezes, acabam por exceder o limite de alunos para aquele espaço, fazendo com que as salas de aula fiquem superlotadas e com isso, o professor também fique sobrecarregado na demanda de atender a todas as crianças. Para que a inclusão de todos aconteça, o professor precisará do

auxílio dos demais funcionários da escola, dos pais e da comunidade escolar, é preciso que todos colaborem. Lopes et al. (2010, p. 25) relatam que “como educador, deve conhecer os alunos, acompanhar o seu aprendizado, estar próximo às famílias.”

No contexto escolar, todos os profissionais que lá atuam, precisariam estar envolvidos na educação dos alunos. Há momentos em que este envolvimento não acontece. Os profissionais precisam compreender que “os princípios envolvidos na tarefa de educar a todos devem ser regidos pela ética e pela cidadania, com vistas a construir uma escola para todos e um mundo em que todos possam ocupar um lugar especial” (PAN, 2009, p.91). Neste sentido, Lopes et al. (2010, p.9) relatam que a inclusão possibilitou a aproximação e conhecimento daqueles sujeitos que antes eram afastados, segregados ou excluídos da sociedade. A inclusão possibilita o reconhecimento das diferenças na sociedade.

As diferenças são encontradas em todos os lugares e seres vivos. Desta forma, sua aceitação pode se consolidar ao perceber a necessidade do outro. As diferenças e algumas semelhanças formam nossa sociedade. A inclusão necessita da aceitação de toda sociedade para se consolidar e efetivar. Pois, sem aceitação as pessoas não se envolverão com o outro, e como consequência, não se envolverão na educação das crianças. Desta forma, no capítulo a seguir procuro refletir sobre o outro a partir dos conceitos de alteridade e ética.

3 DESCOBRINDO O CÉU: UMA REFLEXÃO SOBRE O OUTRO

As diferenças em seu esplendor despertam a curiosidade aos olhos humanos, que muitas vezes as veem como algo magnífico, outras, como estranho. O mundo é composto pela diversidade. Quando olhamos duas flores, de mesma espécie, por um momento acreditamos que elas são idênticas, mas ao olhar atentamente percebemos suas singularidades. Cada uma é bela em seus detalhes.

Da mesma forma que a natureza carrega suas diferenças, as pessoas também. O ser humano, como um ser racional, deveria compreender que as diferenças são algo natural do mundo. Aceitá-las nos leva a desfrutar momentos mais leves, sem a presença do peso do preconceito. Assim, neste capítulo busco discutir a ética e a alteridade, a importância do contato com o outro e suas particularidades, juntamente com os exemplos e opiniões citados pelas professoras e monitoras em nossos encontros.

Assim, ao tomar o “outro não como estrangeiro que tende a ser espetacularizado na sua diferença, mas o outro cuja diferença aceito que seja a diferença na diferença, e numa busca não de semelhança, mas de abertura, na qual eu também me encontro”, (OHLWEILER, 2015, p.48) viveremos as diferenças em sua naturalidade, encontrando nelas a beleza e o esplendor. Desta forma, “nós professores temos a missão de fazer com que todos se envolvam com o colega” (Diário Comentado, 20/04/2017). Este envolvimento permite que as crianças aceitem o outro, que o respeitem e compreendam que nele pode encontrar muito de si.

A alteridade, segundo Fleuri (2003), trata “[...] do desafio de se respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anule, mas que ative o potencial criativo e vital da conexão entre diferentes agentes e entre seus

respectivos contextos” (p. 497). A alteridade muitas vezes passa despercebida ao nosso olhar. Lemos este conceito como uma aceitação do outro, e, muitas vezes, não compreendemos sua amplitude. A alteridade consiste em aceitar o outro e ao mesmo tempo respeitá-lo, buscar no outro a sua imagem e a necessidade dele para compreender a si mesmo. A alteridade procura que as diferenças interajam de uma forma natural, como as nuvens, que por um momento afastam-se e em outro se unem novamente como se necessitassem umas das outras, para, em sua integração, demonstrar a plenitude.

O reconhecimento e respeito às diferenças para muitas pessoas parece impossível. Isso porque “aceitar o outro na sua radical diferença é uma das maiores dificuldades do ser humano” (OHLWEILER, 2015, p. 53). Com isso, percebe-se em muitas pessoas uma resistência em aceitar o outro e como consequência, em seus diálogos, acabam por nomear pejorativamente crianças e adolescentes. São muitas as diferenças enfatizadas por pessoas que não reconhecem as relações estabelecidas pela diferença e alteridade, fazendo questionar-me: como agir frente ao outro?

A ética, segundo Cortella (2009), “marca a fronteira da nossa convivência. [...] é aquela perspectiva para olharmos os nossos princípios e os nossos valores para existirmos juntos [...] é o conjunto de seus princípios e valores que orientam a minha conduta” (p. 102). Há valores, como relatado pelas professoras e monitoras, que precisamos despertar nas crianças: a cooperação e a preocupação com o outro (Diário Comentado, 20/04/2017). Esta preocupação e cooperação leva as crianças a quererem ajudar o colega, como um exemplo citado no último encontro com as professoras e monitoras quando fizemos a discussão final (dos nossos encontros). Sartoretto (2008, p.77) relata que

Mais do que nunca, torna-se clara a necessidade de uma educação voltada para os valores humanos, uma educação que permita a transformação da sociedade, uma escola que acredite nas diferentes possibilidades e nos diferentes caminhos que cada um traça para sua aprendizagem, que possibilite a convivência e o reconhecimento do outro em todas as suas dimensões.

A exclusão social gera muitas consequências, mas quando a imposição à inclusão acontece no contexto escolar, a situação pode se tornar mais complicada. Na escola as crianças sentem o peso da exclusão, pois, dependendo de sua faixa

etária, não compreendem o que está acontecendo e podem acabar se isolando dos demais. Explicar para uma criança o porquê dela estar sendo tratada diferente é algo muito complexo, porque não sabemos o que se passa em sua mente. Quando a exclusão acontece no espaço escolar deixa marcas muito fortes nas crianças que, muitas vezes, sofrem caladas e ao se tornarem adolescentes ou adultos podem acabar se excluindo das demais pessoas. Precisamos refletir sobre nossas ações diárias, pensar no outro e no quanto podemos prejudicá-lo ao menosprezá-lo e tratá-lo mal.

A monitora Laura, relata no questionário por ela respondido, “muitas vezes não só os colegas, mas também os próprios professores acabam por discriminar os próprios alunos, muitas vezes sem querer” (Questionário 9, 07/11/2016). No último encontro de nossas discussões as professoras e monitoras concordaram com este ponto, relatando não ser intencional esta discriminação com algumas crianças. Para o grupo participante desta pesquisa, “é muito fácil falar: ‘a inclusão tem que incluir’. A teoria é linda, maravilhosa, mas quando se está em sala de aula o bicho pega. Não só na inclusão, com crianças ditas normais também não é fácil” (Diário Comentado, 20/04/2017). É preciso trabalhar com as professoras para compreenderem a amplitude das diferenças e tratá-las sem preconceito. A discriminação será vencida quanto mais “sólidos forem os princípios que tivermos e a preservação da integridade que desejarmos” (CORTELLA, 2009, p. 108).

O mundo contemporâneo “cria também uma nova consciência dos direitos às diferenças. A filosofia intercultural é uma nova orientação no estudo da filosofia e serve como resposta para os grandes desafios éticos na era da globalização” (SIDEKUM, 2002, p.196). Esses desafios, muitas vezes, colocam à prova o que acreditamos, especialmente de pessoas que acreditam fielmente em sua cultura, que ela é a única e a melhor. Para essas pessoas aceitarem outras culturas é um grande desafio, pois vivem fechadas em suas tradições. A contemporaneidade nos mostra que precisamos repensar muitas ideias que tomamos como verdades absolutas. Todos somos diferentes e temos o direito de nos expressar de formas diferentes. É preciso que tenhamos contato com as demais culturas para conhecê-las e aceitá-las.

Considero importante neste ponto da discussão diferenciar a diversidade e as diferenças. Ambos conceitos, em alguns momentos, foram confundidos pelas

professoras e monitoras. Figueiredo (2008, 143) relata que o paradigma da escola inclusiva se remete à reflexão de conceitos como a diversidade e a diferença.

É importante assinalar - embora pareça óbvio- que diversidade e diferenças são manifestações eminentemente humanas, elas resultam das diferenças raciais e culturais, e também das respostas dos indivíduos relativamente à educação nas salas de aula. A diversidade é tão natural quanto a própria vida. Essa diversidade é formada pelo conjunto de singularidades, mas também pelas semelhanças que unem o tecido das relações sociais. Entretanto, parece que, na tentativa de garantir a promoção da igualdade, a escola está confundindo diferenças com desigualdades. Aquelas são inerentes ao humano enquanto essas são socialmente produzidas. As diferenças enriquecem, ampliam, são desejáveis porque a identificação/diferenciação, por conseguinte, contribui para o crescimento.

As crianças precisam do contato com outras, tanto para se desenvolver quanto para aprender a respeitar o jeito de ser do outro. As professoras e monitoras concordam que a inclusão é favorável para as crianças terem convívio umas com as outras (Diário Comentado, 20/04/2017). Quando esse contato não é permitido, ambos os lados sofrerão perdas, pois esse contato desperta nas crianças um interesse sobre as diferenças e, quando ensinadas a respeitar o outro, crescerão aceitando o próximo e suas singularidades. Desta forma, penso ser fundamental que o professor proporcione momentos às crianças onde possam ser esclarecidas suas dúvidas quanto às diferenças, bem como o professor falar sobre elas independente dos alunos que formam sua turma, pois as diferenças não se encontram apenas nos alunos “incluídos”.

Nas relações entre as pessoas “a boa ação deve fazer o bem a outrem e evitar o mal, a ponto de desaparecer a diferença entre o eu e o outro” (HERMANN, 2014, p.71). Assim, a aceitação do outro com suas diferenças auxiliaria a sociedade a compreender que possuímos particularidades e que precisamos do outro em nosso dia a dia. A professora Carla escreve em seu questionário que é “interessante o convívio escolar para que todos aprendam que o mundo é diferente, mas que essa diferença não seja usada para excluir ninguém e sim para aproximar e ver como é importante as pessoas lidarem com as demais diferenças” (Questionário 6, 07/11/2016). O convívio entre as pessoas é relevante para a aceitação do outro. E, como mencionado pela professora, este contato não deve ser usado para excluir alguém do grupo, e sim aproximá-lo a fim de conhecer e conviver com o outro. A convivência pode gerar muitos efeitos, podendo ser positivos ou negativos. É preciso aceitar o outro, pois precisamos dele em nosso dia a dia.

Hermann (2014, p.71) escreve sobre a ética no âmbito da ação, na relação entre as pessoas, onde o outro é tão semelhante quanto estranho. Relata também sobre a ética da compaixão, “pela qual somos capazes de sentir os sentimentos dos outros, de superar o egoísmo”. É por esse caminho, bem como o da alteridade, que nos ajudarão a nos colocarmos no lugar do outro e compreender suas ações, seus medos e disparates ou até mesmo suas emoções.

A inclusão causa efeitos no contexto escolar e a forma como estes são tratados influencia na formação das crianças. A professora Jussara relata em seu questionário que “conforme o caso, o aluno pode sentir-se inferior aos demais por não conseguir fazer o que os outros fazem” (Questionário 10, 07/11/2016). Nem sempre a professora conseguirá perceber este sentimento em seus alunos, mas ela pode explicar que cada um possui o seu tempo de aprendizagem. Alguns aprendem mais rápido e outros demoram um pouco mais, mesmo que para as professoras e monitoras possa ser uma dificuldade “explicar e trabalhar um mesmo conteúdo com um público diverso” (Diário Comentado, 20/04/2017).

As professoras precisam mostrar para as crianças que as particularidades do momento de aprender não são motivo para inferiorizar o colega e sim para se colocar no lugar dele, pois hoje ele possui dificuldade, amanhã pode ser eu. Assim, da mesma forma que eu gostaria de ser ajudado também posso ajudar o outro. Machado (2008, p. 70) relata que

Um ponto de partida para a compreensão da aprendizagem é ter claro que todo aluno é capaz de aprender. No entanto, os alunos não têm o mesmo tempo de aprendizagem e traçam diferentes caminhos para aprender. Cabe ao professor disponibilizar o melhor do ensino, as mais variadas atividades, e cabe ao aluno a liberdade de escolher a tarefa que lhe interessa. O ensino democrático é aquele que considera as diferenças de opiniões, de interesses, de necessidades, de ideias e de escolhas.

O ensino democrático tornou-se uma possibilidade educativa, que leva em consideração as singularidades dos alunos. O professor não pode mais ser visto como o detentor do saber e o único a definir o que será feito em aula. É preciso olhar para as crianças, buscar nelas as possibilidades de atividades e levar a opinião delas em consideração no momento de definir o que será desenvolvido em aula.

4 NUVENS INTERMITENTES: A NECESSIDADE DO ATENDIMENTO ESPECIALIZADO

A inclusão busca equiparar as oportunidades para todos, tratar a diversidade com respeito e aceitação. Percebe-se ainda, em muitas discussões, a inclusão como responsabilidade da Educação Especial e não de todos na comunidade escolar. A necessidade por um atendimento especializado marca a fala das professoras e monitoras participantes desta pesquisa. O corpo docente trouxe para as discussões muitos aspectos sobre o atendimento especializado, o que me levou a este capítulo, onde busco problematizar esta necessidade.

Pensando na inclusão como responsabilidade da Educação Especial, as professoras relataram não concordar inteiramente com isto. Pois, se for trabalhar os diferentes, individualmente, eles não vão se incluir socialmente (Diário Comentado, 20/04/2017). O grupo destacou em vários momentos a importância das crianças estarem no ambiente escolar e ter contato com as demais.

As diferenças, em muitas escolas, não são debatidas. A falta da discussão sobre a inclusão escolar e as diferenças faz com que as professoras e monitoras sintam-se desconfortáveis frente ao assunto. No primeiro encontro com as professoras e monitoras ficou evidente que este tema era pouco discutido. Assim, o que percebe-se na fala de muitos professores é a inclusão de alunos com deficiência. É preciso que compreendamos que a escola, para ser inclusiva precisa

acolher todos os seus alunos, independentemente de suas condições sociais, emocionais, físicas, intelectuais, linguísticas, entre outras. Ela deve ter como princípio básico desenvolver uma pedagogia capaz de educar e incluir todos aqueles com necessidades educacionais especiais e também os que apresentam dificuldades temporárias ou permanentes, pois a inclusão não se aplica apenas aos alunos que apresentam algum tipo de deficiência. (FIGUEIREDO, 2008, p. 143)

A inclusão escolar é vista por muitas pessoas como inclusão de pessoas com deficiência. No entanto, como citei acima, ela abrange a todas as pessoas e não uma parte da população. Assim, precisamos ter um olhar atento aos relatos docentes sobre a diferença, pois na política educacional brasileira a inclusão escolar ficou por muito tempo vinculada “às discussões da Educação Especial e desse modo, suas práticas costumam ainda, muitas vezes, incidir especialmente sobre os sujeitos com deficiência ou aqueles considerados com ‘necessidades educativas especiais’” (HATTGE, 2014 p.140). Mas, com a Declaração de Salamanca (1994) a inclusão escolar ampliou seu campo abrangendo a todas as diferenças.

Da mesma forma como foi implantada a discussão da Educação Especial, ao se tratar dos sujeitos com “deficiência”, é preciso trazer para as escolas a discussão da diferença. É fundamental trazer para os estudos docentes o debate sobre as diferenças, aquelas “percebidas na hora de brincar, das atividades, conversas, histórias...” (Diário Rascunho, 10/04/2017), em todos os momentos.

Os professores precisam ter consciência de que as escolas especiais “têm um papel muito importante a cumprir. Pedagogicamente - e constitucionalmente! - elas existem para oferecer atendimento educacional especializado, e não educação especial” (SARTORETTO, 2008, p. 78). A educação especial por muitos anos se ocupava em atender as crianças e adolescente com deficiência. Já nos dias atuais, a educação especial foi substituída pelo atendimento especializado, o qual atende a todas as crianças que precisarem.

Em relação ao atendimento especializado, as professoras e monitoras consideram “essencial para ajudar as crianças. Lá elas têm um atendimento diferenciado e tem profissionais preparados para atender as crianças” (Diário Elaborado, 18/04/2017). Neste ponto, é importante destacar que o atendimento especializado é essencial para contribuir na formação das crianças, como um complemento à escola regular. O atendimento educacional especializado

identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela. (BRASIL, 2007, p.15)

O atendimento especializado trabalha necessidades específicas das crianças. Os profissionais que atuam com este atendimento buscam se apropriar do que as crianças possuem necessidade para contribuir em seu processo de aprendizagem. O professor especializado será aquele que “trabalhará objetivando dar ao aluno com deficiência aquilo que é específico à sua necessidade educacional e que o auxiliará a romper barreiras que o impedem de estar, interagir, participar, acessar espaços, relações e conhecimentos” (BERSCH, 2008, p 132).

O objetivo do atendimento especializado é garantir aos alunos com deficiências a possibilidade de aprender de uma forma diferenciada e desenvolver habilidades que eles necessitam (SARTORETTO, 2008, p.78). As crianças possuem muita vontade de aprender e isso é muito importante para o seu desenvolvimento. Quando trabalhadas as necessidades das crianças elas podem ultrapassar as barreiras e participar ativamente da sociedade.

No contexto escolar, os alunos que se destacam pela facilidade que apresentam nas situações de aprendizagem são destacados pelos professores como sendo os melhores. Enquanto os demais, se não acompanharem o ritmo de seus colegas, são taxados como alunos com “necessidades especiais” e “precisam” de um atendimento especializado. Este atendimento foi muito frizado pelo corpo docente, que enfatizava o atendimento na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAEs), pois naquele espaço teriam a atenção e materiais necessários para contribuir no desenvolvimento da criança com deficiência. Mas, o que é a APAE? É uma associação que ganhou força em todo território brasileiro, iniciada em 1954. A APAE

Vem a ser constituída, integrada por pais e amigos de uma comunidade significativa de alunos portadores de necessidades especiais, contatando para tanto com a colaboração da sociedade em geral, do comércio, da indústria, dos profissionais liberais, dos políticos, enfim, de todos quantos acreditam, apostam e lutam pela causa da pessoa com deficiência. (FENAPAES, 2006, texto digital)

As APAEs atuam com o serviço clínico onde é disponibilizado às crianças e adolescentes que lá frequentam, atendimentos com profissionais especializados que contribuam para o seu desenvolvimento. É disponibilizado também o serviço escolar que possibilita um complemento ao ensino dado nas escolas. Esse complemento

procura trabalhar o que as crianças têm maior dificuldade. No entanto, para algumas crianças e adolescentes este serviço escolar proporcionado nas APAEs é o único contato com o ensino.

O dia a dia no espaço escolar reserva muitas surpresas. Quando o professor depara-se com tantas diferenças em sua sala, muitas vezes, fica sem saber como agir. Preocupado em não atender a demanda, deixa de lado alguns alunos com os quais não sabe lidar. Em situações como estas percebemos claramente o processo de in/exclusão. O processo de in/exclusão, segundo Lopes e Fabris (2013, p.10)

seria uma forma de dar ênfase à complementaridade dos termos ou a sua interdependência para a caracterização daquele que, mesmo vivendo em situação de rua, de cárcere, de discriminação negativa por sexualidade, gênero, situação econômica, religião, etnia e não aprendizagem escolar, não podem ser apontados como excluídos.

Neste sentido também vemos a inclusão excludente, quando as crianças e adolescentes vão para o contexto escolar onde deveriam ser “incluídos”. Mas, o que vemos em muitos contextos é que esses são colocados para dentro do espaço, para que as leis sejam efetivadas e lá ficam de lado, excluídos. A monitora Gládis relata que “quanto às diferenças, às vezes, até o professor é preconceituoso, fazendo diferenciação entre os alunos” (Questionário 7, 21/01/2017). Presenciando essa exclusão e a dificuldade do aluno, alguns professores acreditam que o melhor seria se frequentasse centros com atendimento especializado.

O atendimento especializado é relevante para muitas crianças, pois lá recebem um atendimento individual que prioriza suas dificuldades. Precisamos ter consciência que esse atendimento deve complementar a ação da escola e não substituí-la. Bersch (2008, p 132) relata que “a Educação Especial sai de uma prática substitutiva, à parte, e se transforma em uma prática complementar e interligada à escolaridade comum e a todos os desafios que a inclusão escolar impõem ao aluno com deficiência”. Mantoan (2008, p. 31) também relata sobre o atendimento especializado ser um complemento ao ensino regular quando diz que a “escola comum não pode ser substituída pelo ensino especial na oferta do ensino acadêmico, pois este é complementar à formação do aluno.”

O atendimento especializado é muito frisado pelas professoras e monitoras. Debater sobre este assunto é muito importante para que se esclareça que este atendimento deve complementar a escola. A seguir, trago para a discussão alguns

desafios relatados pelas professoras e monitoras quando dialogado sobre as dificuldades e desafios.

5 CÉU AZUL: DESAFIOS DA INCLUSÃO ESCOLAR

Na vida nos deparamos com muitos desafios. Estes, muitas vezes, abalam nossa estrutura e ficamos sem saber como agir: se os encaramos para vencê-los ou se buscamos uma forma de desviá-los. A forma como os encaramos nos mostra como somos. “Lidar com o diferente pode ser difícil, mas também é instigante. E qual seria a graça de viver em um mundo onde tudo fosse fácil, que não tivéssemos desafios?” (Diário Elaborado, 18/04/2017).

Neste capítulo procuro discutir sobre os desafios da inclusão escolar colocados pelas professoras e monitoras, complementando a discussão com referenciais teóricos que problematizam os mesmos.

Nas escolas há uma “preocupação importante com o como ensinar a todos. O que tem sido recorrente na fala dos professores é a ideia de que a inclusão é um desafio, uma busca por um ideal” (KLEIN, 2010, p.12). Este ideal é ambicionado por muitos professores e por outros é visto como algo absurdo. Para ensinar a todos é preciso que o professor saia de sua área de conforto e busque por metodologias que atinjam as necessidades de seus alunos.

Os desafios, algumas vezes, “frustram a implementação de práticas inclusivas nas escolas, mas, em nenhum momento, deve servir como pretexto ou desculpa para impedir a consolidação de escolas verdadeiramente inclusivas” (SARTORETTO, 2008 p.82). Por mais dificuldades que encontrarmos no dia a dia dentro das escolas precisamos ter em mente que nada acontece, se concretiza, sem esforços. Passamos a graduação estudando para sermos boas pedagogas e fazermos a diferença. Quando chegamos nas escolas, para atuar em sala de aula, muitas vezes nos sentimos frustradas, pois o que imaginamos fazer, em alguns momentos, não conseguimos concretizar. A cada dia enfrentamos novos desafios e

precisamos lutar para que eles não se tornem obstáculos em nossas práticas. Se quisermos que a educação e a inclusão aconteçam da melhor forma, é preciso nos empenharmos.

Para a construção de uma escola inclusiva “é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceito e que reconhece e valoriza as diferenças” (MANTOAN, 2003, p.19). Reconhecer as diferenças é o primeiro passo para aceitar o outro. Tanto a educação quanto a inclusão não acontecerão de uma hora para outra. Precisamos compreender que uma necessita da outra para acontecer.

Nos encontros, as professoras e monitoras falaram da dificuldade em elaborar mais de um planejamento, de não conseguir atender a turma como gostariam (Diário Rascunho, 28/11/2016). Este é um impasse nas práticas docentes. Como citei acima, a inclusão não pode servir como desculpa ou pretexto para os professores. É preciso repensarmos nossas práticas. Na discussão final, uma professora citou um exemplo de 2011, quando ingressou em uma turma que estava matriculado um aluno com dislexia. Segundo ela, foi um grande desafio e muito importante para sua formação. Depois de um período de trabalho a professora sentiu necessidade de buscar uma formação complementar, pois no decorrer daquele ano letivo, por muitas vezes, se sentiu impotente (Diário Comentado, 20/04/2017).

Após o relato da professora foi desta forma que as demais se caracterizaram, dizendo que era assim que se sentiam. No dia a dia dentro das escolas as professoras passam por muitas situações e algumas delas fazem com que se sintam impotentes. Sem saber como agir, ficam retraídas. É Preciso sair da área de conforto e buscar subsídios que auxiliem nas práticas diárias, para que quando se depararem com dificuldades e desafios não se sintam desta forma.

Klein (2010, p.12) relata que ao falar da inclusão centrando as discussões no sujeito com deficiência“ os professores acreditam que não estão preparados - como se um curso de formação na área da Educação Especial, pudesse proporcionar um ensino mais eficaz e, conseqüentemente, garantir a aprendizagem de determinados sujeitos”. Um curso pode nos oferecer muitas ideias de como trabalhar com os alunos, atividades a desenvolver, mas se o professor não se empenhar para concretizar estas sugestões e buscar outras para complementar, o curso será apenas mais um na lista. As diferenças precisam de uma discussão constante e de uma busca intensa por parte dos professores. Os alunos a cada dia exigem mais de

seus professores, pois todas as informações que eles desejam estão à disposição na internet. Precisamos cativá-los e trazer formas diferentes de ensinar.

A inclusão é um fato que não há como retroceder e traz consigo o desafio de “não só acolhermos os alunos com deficiência, mas de garantirmos condições de acesso e de aprendizagem em todos os espaços, programas e atividades do cotidiano escolar” (BERSCH, 2008, p. 132). Colocar o aluno dentro da escola não garante sua inclusão. É preciso que sejam oportunizadas atividades no contexto escolar que possibilitem a interação entre todos os educandos.

Devemos compreender que “a escola, para se tornar inclusiva, deve acolher todos os seus alunos, independente de suas condições sociais, emocionais, físicas, intelectuais, linguísticas, entre outras” (FIGUEIREDO, 2008, p.143). As diferenças compõem a sociedade e o contexto escolar. Assim, para que a inclusão aconteça é preciso que todas as diferenças sejam acolhidas e respeitadas.

Dentre os desafios e as dificuldades encontradas pelas professoras e monitoras, o mais citado é o suporte tanto material como profissional, pois são necessários ambos. Algumas integrantes do grupo consideram o profissional mais importante, outras acreditam que “se tiver o profissional e não tiver o material não tem como trabalhar. Aqui na escola não tem os materiais, por exemplo” (Diário Comentado, 20/04/2017). A falta de suporte dificulta o trabalho docente. Uma professora citou o exemplo, de alguns anos atrás, quando um aluno com baixa visão precisava deslocar-se até Lajeado/RS, uma vez por semana, para trabalhar na sala de recursos (Diário Rascunho, 28/11/2016).

Algumas escolas nem sempre possuem suporte para atender as necessidades das crianças. A professora Kátia relata ser a favor “da inclusão desde que tenhamos suporte para atendê-la em suas necessidades” (Diário Rascunho, 21/01/2017). Como já mencionado anteriormente, colocar a criança dentro do espaço escolar não garante sua inclusão. É preciso lhe oferecer as oportunidades e condições para que sua inserção na escola aconteça da melhor maneira possível. Isso inclui disponibilizar os materiais necessários para atender as singularidades de cada criança.

A monitora Gládis relata que, “na verdade, na teoria é tudo muito bonito, mas na realidade nos deparamos com profissionais despreparados para lidar com deficiências” (Questionário 7, 21/01/2017). Segundo Sartoretto (2008, p.79) “são os alunos com deficiência que frequentam as escolas comuns que estão impondo a

nós, professores, uma reflexão mais séria acerca de nossa concepção de escola e de nossas práticas pedagógicas”. As diferenças precisam gerar mudanças em nossas práticas diárias, pois é preciso atender as necessidades de todas as crianças. O aluno com deficiência nos impõe uma reflexão mais séria, pois alguns casos exigem adaptação do espaço escolar, apoio profissional, práticas docentes distintas. Estes aspectos fazem com que alguns professores sintam receio de atuar considerando as diferenças.

No contexto escolar encontramos múltiplos desafios, desde o espaço, materiais disponibilizados, às práticas e as crianças. O espaço, os materiais e as práticas, podemos mudar com algumas trocas e/ou investimentos. Mas as crianças não. Elas são seres humanos com características próprias. Podemos até influenciá-las em seu jeito de ser, mas suas diferenças são únicas. Concordo com a Professora Gisele quando ela escreve em seu questionário que “essas diferenças é que tornam o trabalho do professor interessante” (Questionário 8, 07/11/2016). Os desafios podem ser difíceis, mas se quisermos e lutarmos podemos vencê-los, e, os resultados mostraram que somos capazes e que fazemos a diferença. Afinal, que professor não se comove com as conquistas de seus alunos?

Concordo com Figueiredo (2008, p.143), quando diz que para a escola ser inclusiva “deve ter como princípio básico desenvolver uma pedagogia capaz de educar e incluir todos aqueles com necessidade educacionais especiais e também os que apresentam dificuldades temporárias ou permanentes”. Pois, mesmo que muitas pessoas tenham dúvidas, a inclusão se aplica de forma geral. Todos em algum momento já foram incluídos em algum grupo, sendo assim, precisamos refletir sobre isto quando discriminamos ou excluimos alguém no espaço escolar ou fora dele. Os professores precisam aceitar as diferenças dentro da sala de aula, para os alunos também se aceitarem entre si, independente de suas diferenças.

Acredito que, assim como uma bela obra de arte, a educação pode “criar formas de ensino capazes de conduzir os indivíduos a conquistar a independência, o que significa saber se autoconduzir sem infringir padrões individuais e coletivos” (LOPES; FABRIS, 2013, p.36). Trago a citação de Lopes e Fabris, que muito me fez refletir, especialmente sobre minhas práticas. Em algumas ocasiões, sem desejar, acabamos por exigir das crianças coisas que, muitas vezes, não sabem fazer e sem saber como fazer, sentem-se desmotivadas. Precisamos urgentemente refletir sobre nossas práticas.

Para finalizar a discussão sobre os desafios da inclusão escolar trago Sartoretto (2008, p.79) que relata que “o argumento do despreparo dos professores não pode continuar sendo álibi para impedir a inclusão escolar [...]”. Buscar uma desculpa para justificar o despreparo não fará que o professor se prepare para atender as crianças. “Se não estamos preparados, precisamos urgentemente nos preparar. E uma verdadeira preparação começa com a possibilidade e pelo desafio de acolher as diferenças na sala de aula e pela busca de novas respostas educacionais” (SARTORETTO, 2008, p.79).

Na vida nos deparamos com muitos obstáculos e precisamos enfrentá-los para seguir em frente, pois desviando, raramente, alcançaremos nossos objetivos. É preciso que as diferenças sejam aceitas, independente dos desafios e dificuldades encontradas. Pois, sem respeito, empatia e ajuda de todos, a inclusão não acontecerá. As diferenças continuarão sendo vistas apenas como características que nos distinguem e a inclusão como sendo de pessoas com deficiência.

Os desafios precisam ser vistos como algo que nos motiva a ir além do que está posto em nosso cotidiano escolar. Buscar possibilidades que potencializem a aprendizagem dos alunos. Precisamos enfrentar os desafios da inclusão para que ela seja efetivada e aceita por todos.

6 ÚLTIMAS NUVENS: CÉU ABERTO

Ao final desta pesquisa posso concluir que da mesma forma que somos diferentes possuímos formas diferentes de nos expressar sobre um mesmo tema. Sendo únicos, cada um tem uma perspectiva, um olhar diferente sobre o que se passa no contexto escolar.

Quando iniciei esta pesquisa buscava saber como os professores de escolas públicas percebem a inclusão escolar e as diferenças que compõem suas turmas escolares. Hoje, depois de muitos estudos e de um debate intenso com um grupo de professoras, posso responder a minha questão de pesquisa. A educação contemporânea reserva para os professores muitos desafios: entre eles, a inclusão escolar. E volto a perguntar: as diferenças são percebidas pelos professores? Sim! E em muitos momentos de suas práticas diárias. Elas percebem a inclusão como uma prática possível, mas que necessita ter suporte profissional e material.

As problematizações sobre as ações docentes quanto à inclusão estavam presentes em todos os encontros com as professoras, enquanto traziam os relatos sobre suas práticas diárias. Ao mesmo tempo, pude compreender que a prática de inclusão escolar é muito importante para o desenvolvimento da criança. A Educação Infantil, apesar de não ter sido citada ao longo dos capítulos, esteve presente nas discussões, pois meus objetivos se direcionaram a ela. É importante lembrar aqui que o grupo que participou desta pesquisa é atuante nesta etapa da Educação. Assim, os pontos trazidos por elas e discutidos no decorrer dos capítulos remetem ao que elas percebem no dia a dia, dentro da escola de Educação Infantil.

No capítulo “Primeiras nuvens: imagens de um estudo sobre as diferenças e inclusão escolar” relatei que almejava por uma pesquisa participativa. Ao final deste trabalho posso dizer que esta participação foi alcançada e está visível ao longo dos

capítulos, quando trago trechos do meu diário para as discussões. As professoras e monitoras podem não ter percebido este movimento, esta participação, vendo, talvez, os encontros como um momento de conversa, mas foi de extrema relevância para a concretização dos meus estudos. E, acredito que tenha contribuído na formação do corpo docente, fazendo com que pensassem em suas práticas diárias e na importância de um olhar atento para as diferenças que compõem suas turmas escolares.

Ao discutir a inclusão e as diferenças, no capítulo: “Desvendando o céu: uma discussão sobre a inclusão escolar e as diferenças”, pude concluir que estes são temas de muitos debates e estudos. Algumas professoras e monitoras demonstraram ter consciência de que a inclusão escolar é acolher a todos, independente de suas características, sendo amparada por lei e que a inclusão vem rompendo barreiras e provando que a interação das pessoas é importante para seu crescimento pessoal. Uma parte do grupo relatou ficar “apavorada” frente algumas diferenças. Nas discussões percebi que as professoras entendem que a inclusão se refere às diferenças. Mas, fica evidente em algumas falas que a inclusão está associada às deficiências. Assim, concluo que apesar de ter conhecimento sobre o tema e saber de sua importância, algumas integrantes do grupo, parecem ser contra a inclusão de algumas crianças na escola e que o melhor para estas seria o atendimento especializado.

Percebendo que este atendimento era muito bem visto pelas professoras e monitoras, elaborei o capítulo “Nuvens intermitentes: a necessidade do atendimento especializado”. O grupo concorda que a inclusão não é responsabilidade da Educação Especial, destacando em muitos momentos a importância da interação das crianças na escola regular. Elas enfatizam que no atendimento especializado as crianças receberão um atendimento diferenciado e terão profissionais preparados para atender suas peculiaridades. Assim, concluo que as professoras e monitoras, em sua maioria, entendem que a educação das crianças não é responsabilidade do atendimento especializado, mas sentem a necessidade de tê-lo como um suporte disponível para auxiliá-lo quando não conseguem trabalhar com determinada criança.

A educação contemporânea nos mostra a necessidade de uma formação cada vez mais complexa, capaz de nos fazer pensar sobre as práticas pedagógicas. Assim, torna-se necessário problematizar temas como a inclusão e as diferenças

nas reuniões pedagógicas. A escola pode trazer profissionais especializados no assunto para conversar sobre as dúvidas do corpo docente e buscar adquirir os materiais necessários para atender a demanda de sua escola. Assim, quando colocarmos uma criança dentro do espaço escolar, para efetivarmos sua inclusão, que se tenha o suporte para atender suas peculiaridades, para não tornar esta inclusão excludente.

Falar da inclusão sem problematizar as diferenças e a alteridade seria uma discussão incompleta. Assim, no capítulo “Descobrimos o céu: uma reflexão sobre o outro” problematizo estes conceitos. A inclusão se refere a todas as pessoas, sendo assim, a todas suas diferenças. É preciso levar em consideração o outro, que precisamos dele para viver em sociedade. As professoras e monitoras reconhecem que são peças fundamentais na busca da interação entre as crianças, que é preciso despertar valores nas suas aprendizagens, como a cooperação e a preocupação com o outro.

Parte do grupo concorda que muitas vezes não são apenas os colegas que discriminam uma criança, que o professor também, mesmo não sendo intencional. A inclusão, para elas, na teoria é “linda”, “maravilhosa”, mas só quem está na sala de aula todos os dias sabe como é difícil. As professoras lembram da importância da interação das crianças, para que elas aprendam a conviver com as diferenças e a respeitar o próximo. Concluo que mesmo não sendo intencional a discriminação de algumas crianças, ela acontece e este é um ponto que precisa ser trabalhado, pois para ensinar a respeitar as diferenças é preciso que quem ensine também respeite. As professoras e monitoras compreendem a relevância do contato com o próximo, que são peças-chaves no processo de reconhecimento e respeito pelo outro, e assim precisam buscar metodologias que ambicionam um trabalho em equipe, que as crianças percebam que necessitam do colega.

O capítulo “Céu azul: desafios da inclusão escolar” me fez perceber que na visão das professoras o maior desafio da inclusão é a falta de suporte tanto físico como profissional. Este ponto me causou muitas inquietações e concluo que as professoras possuem ainda, muito forte, a percepção de que a inclusão está relacionada às deficiências. Assim, em relação ao suporte físico, relatado no grupo, há o entendimento de que consiste na falta de material para atender as crianças com deficiências, pois para atender as demais crianças, tem material. Ou seja, para as diferenças que estão dentro do espaço escolar há o material que elas precisam,

configurando o suporte físico. Mas, se na escola for matriculada uma criança com deficiências não se terá este suporte, reforçando o que mencionei acima, que algumas professoras ainda percebem a inclusão como sendo em relação às crianças com deficiências.

Outros desafios destacados pelas professoras foram: a dificuldade de elaborar mais de um planejamento e o despreparo para atender as crianças, o qual considere como a necessidade de uma formação continuada. Concluo que as professoras e monitoras se acomodaram, de certa forma, em uma área de conforto em relação à sua formação. É preciso que o professor saia deste lugar, pois a educação contemporânea exige de seus docentes o movimento de elaborar mais de um planejamento, ou de um planejamento mais aberto, e que ao se sentir despreparado, o professor busque uma formação que lhe auxilie a compreender as dificuldades que está encontrando em suas práticas diárias. É importante que a escola possibilite a discussão das diferenças, que oportunize formações sobre este tema. Mas, não é responsabilidade da escola fazer a formação plena de seus professores. Precisamos lembrar que um curso por si só não é garantia para a educação das crianças, é preciso um movimento dos docentes para isto.

Não concluo o debate aqui desenvolvido, pois a discussão da inclusão e das diferenças não deve chegar ao final. Assim, ao encerrar esta pesquisa fico a pensar que é preciso um olhar atento para as crianças, para conhecer suas potencialidades e trabalhar a partir delas. Não digo que o olhar atento ou a escuta sensível sejam a resposta para esse impasse, mas são uma forma de conhecer o aluno e auxiliá-lo em seu desenvolvimento e na conquista de sua autonomia. Como profissionais da educação, precisamos de um momento para refletir sobre nossas práticas. Penso que a Educação poderia ser tratada como uma obra de arte que é feita com calma, atentando para os mínimos detalhes, onde um pequeno risco a mais poderia se tornar um detalhe, tornando a obra única.

REFERÊNCIAS

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília (DF): Liber Livro, 2004.

BERSCH, Rita. Tecnologia assistiva e atendimento educacional especializado: conceitos que apoiam a inclusão escolar de alunos com deficiência. In: MANTOAN, Maria T. E. **O desafio das diferenças nas escolas**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - Corde. Brasília: Corde, 1994.

BRASIL. **Lei De Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 28 setembro de 2016.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial. In.555, DE 5 de junho de 2007, prorrogada pela portaria N. 948, de 9 de outubro de 2007. Disponível em http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf. Acesso em: 28 de abril de 2017.

BUENO, José G.S. Crianças com necessidade educativas especiais, política educacional e a formação de professores generalista ou especialista? In: **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v.3, n.5, p.7-25, 1999.

CORTELLA, M. S. **Qual é a tua obra? Inquietações, propositivas sobre gestão, liderança e ética**. Petrópolis: Vozes, 2009.

FENAPAES. **Manual Pais e Dirigentes** – uma parceria eficiente. Federação Nacional das Apaes, 2006. Disponível em: <<http://teofilootoni.apaebrasil.org.br/artigo.phtml/16779>> Acesso em: 3 de maio de 2017.

FIGUEIREDO, Rita V. de. A formação de professores para a inclusão dos alunos no espaço pedagógico da diversidade. In: MANTOAN, Maria T. E. **O desafio das diferenças nas escolas**. Petrópolis: Vozes, 2008.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e Educação. **Revista Brasileira de Educação**. Santa Catarina, n. 23, maio/jun./jul./ago, 2003.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HATTGE, Morgana D. **Performatividade e inclusão no movimento todos pela educação**. São Leopoldo: Unisinos, 2014.

HATTGE, Morgana D.; KLAUS, Viviane. A importância da pedagogia nos processos inclusivos. **Revista Educação Especial**, v.27, n.49, maio/ago. 2014. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: 15 de setembro de 2016.

HERMANN, Nadja. M. A.. **Ética & Educação**: outra sensibilidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

KARAGIANNIS, A.; STAINBACK, W.; STAINBACK, S. Fundamentos do ensino inclusivo. In: STAINBACK, W.; STAINBACK, S. (Org.). **Inclusão**: um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999.

KLEIN, Rejane R. A escola inclusiva e alguns desdobramentos curriculares. In: KLEIN, Rejane R.; HATTGE, Morgana D. (Orgs). **Inclusão escolar**: implicações para o currículo. São Paulo: Paulinas, 2010.

LOPES, Maura Corcini; LOCKMANN, Kamila; HATTGE, Morgana D.; KLAUS, Viviane. **Inclusão e Biopolítica**. Cadernos IHU ideias, Ano 8, nº 144, 2010

LOPES, Maura Corcini; FABRIS, Eli Terezinha Henn. **Inclusão & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MACHADO, Rosângela. Educação inclusiva: revisar e refazer a cultura escolar. In: MANTOAN, Maria T. E.; **O desafio das diferenças nas escolas**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, Maria T. E.; Inclusão escolar: caminhos, descaminhos, desafios, perspectivas. In: MANTOAN, Maria T. E.; **O desafio das diferenças nas escolas**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MELO, Sandra C.; LIRA, Solange M.; FACION, José R.; Políticas inclusivas e possíveis implicações no ambiente escolar. In: FACION, José Raimundo (Org). **Inclusão escolar e suas implicações**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

MENDES, Enicéia Gonçalves. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no

Brasil. Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Educação**, vol.11, n.33, 2006, p.387-405.

OHLWEILER, Mariane I. Linguagem e Alteridade: modos de perceber e narrar o outro. In: HATTGE, Morgana Domênica; KLEIN, Rejane Ramos (Orgs). **Diferença e inclusão na escola**. Curitiba: CRV, 2015

PAN, Miriam Aparecida G. de S. A deficiência intelectual e a educação contemporânea - uma análise dos sentidos da inclusão escolar. In: FACION, José Raimundo (Org). **Inclusão escolar e suas implicações**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

ROSA, Ângela C. da; O sujeito com deficiência e a escola inclusiva. In: KLEIN, Rejane R.; HATTGE, Morgana D. (Orgs). **Inclusão escolar: implicações para o currículo**. São Paulo: Paulinas, 2010.

SARTORETTO, Mara L. Inclusão: da concepção à ação. In: MANTOAN, Maria T. E. **O desafio das diferenças nas escolas**. Petrópolis: Vozes, 2008.

SIDEKUM, Antônio. **Ética e alteridade: a subjetividade ferida**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

SILVA, Maria de Fátima M. S.; FACION, José Raimundo. Perspectivas da inclusão escolar e sua efetivação. In: FACION, José Raimundo (Org). **Inclusão escolar e suas implicações**. Curitiba: Intersaberes, 2012.